

Henrique Monteiro



FOTO JUSTIN YALUSIPA LUSA VIA REUTERS

UM APAZIGUADOR É O QUE ALIMENTA UM CROCODILO NA ESPERANÇA DE SER O ÚLTIMO A SER DEVORADO

A frase no título faz parte de um dos mais famosos ditos de Winston Churchill, embora exista muita discussão sobre se ele alguma vez a disse. Surgiu atribuída ao primeiro-ministro do Reino Unido durante a II Guerra Mundial só muito tardiamente, em 1954, no "Reader's Digest". Porém, pouco antes de chegar a primeiro-ministro, em janeiro de 1940, quando era primeiro lorde do Almirantado (responsável pela Marinha de Guerra), fez um discurso, transcrito pelo "The New York Times", no qual afirmou textualmente: "Cada um espera que, alimentando suficientemente um crocodilo, o crocodilo só o comerá no fim. Todos esperam que a tempestade passe, antes de a sua vez chegar. Mas eu temo grandemente que a tempestade não passe. Vai enfurecer-se e rugir cada vez mais alto e de modo cada vez mais amplo."

Pouco importa a fiabilidade da frase. No momento em que ela nos possibilita um paralelismo com a atualidade e nos faz pensar, cumpre o desígnio de quem a disse, fosse de que forma fosse. Dos muitos textos que li, em publicações nacionais e internacionais, sobre a ofensiva de Putin na Ucrânia, não só deparei com inúmeros apaziguadores como, igualmente, com alguns basbaques que adoram o líder russo ou pelo menos dizem compreendê-lo. Claro que também li textos com os quais concordei em absoluto. Talvez o mais estruturado

e simples, escrito em português, fosse "Hitler Revisitado", escrito na quarta-feira no "Público" por Nuno Severiano Teixeira (colega na Faculdade, com quem mantive sempre uma relação calorosa).

Nuno Severiano é professor catedrático de História e, mais do que isso, especialista em História Militar e Relações Internacionais. É informado, conhecedor e tem uma sabedoria sensata que não pretende esmagar com a erudição (que tem) quem o ouve ou lê, mas sim que o acompanhem no raciocínio, recorrendo a palavras simples. Só neste particular é muito diferente de tantos académicos que disfarçam a ignorância atrás de palavras caras (como já dizia Michel de Montaigne, no século XVI).

A clareza como expõe o falso paralelismo da humilhação da Alemanha em Versalhes, no final da I Guerra Mundial (que justificaria o rearmamento alemão promovido por Hitler), e a suposta humilhação da Rússia depois da queda do Muro de Berlim é claríssima. Sem dúvida que a geografia mudou, como afirma, com a adesão à NATO e à UE de vários países da órbita russa. A diferença é que isso não decorreu de qualquer tratado, mas da escolha dos povos. Como Nuno Severiano salienta, a Rússia, mesmo esfrangalhada, manteve o veto nas Nações Unidas e recebeu ajuda técnica e económica da Europa e dos EUA. Em 1997 criou-se um conselho conjunto NATO-Rússia. Como escreve no citado artigo, "o Ocidente levou



A guerra é a continuação da política por outros meios

Carl Phillip Gottlieb von Clausewitz (1780-1831), general prussiano, considerado um dos grandes estrategistas militares. Ficou célebre a sua obra "Da Guerra" ("Vom Kriege")

uma década a tentar integrar a Rússia no sistema internacional".

Acontece que Nuno Severiano estava no salão do Hotel Bayerischer Hof, em mais uma Conferência de Segurança, quando Putin disse que o mundo unipolar dos EUA era perigoso e que a ordem liberal e a arquitetura de segurança europeia não eram do interesse da Rússia. "A sala gelou, mas o Ocidente não fez nada", escreve. Putin quis resta-

belecer a grandeza russa, mas não através da modernização, de uma economia aberta, da democracia. Fez todo o contrário; rearmou-se, acabou com veleidades democráticas, expandiu o cibercrime e a ciberguerra, bem como a espionagem. Tal como Hitler, primeiro com a Áustria, depois com os Sudetas, a Checoslováquia inteira e a Polónia (invasão que determinou o início da guerra), Putin desde então já invadiu a Geórgia, a Abecásia e a Ossétia do Sul e a Crimeia. Houve sanções, mas sempre seguidas de 'apaziguamento'. O Acordo de Minsk foi uma espécie de Cimeira de Munique, e o ataque das tropas russas à Ucrânia uma espécie de tomada da Checoslováquia, que se seguiu aos Sudetas; afinal, não era só aquela península nem só a região de Donbas, Putin quer mais. Quer sempre mais e mais, até reconstruir e unificar os povos de língua russa, como Hitler queria a Grande Alemanha. E é neste paralelismo feito com o ditador alemão que Nuno Severiano recorda: "Munique mostrou que com ditadores e autocratas o 'apaziguamento' não vale a pena. Pode adiar, mas nunca evita a guerra."

Nuno disse o que havia a dizer e deseja que os dirigentes europeus se lembrem bem de tudo isto. E acrescenta: "Putin respeita a força e despreza a fraqueza." E aqui há uma frase espanhola que sou obrigado a usar. É esta: "Posso dizê-lo mais alto, mas não mais claro."

hmonteiroexpresso@gmail.com

ANTES QUE ME ESQUEÇA



DERROTA

Putin parece vencedor de uma contenda que ainda vai no início. Porém, muito embora concretizasse os seus objetivos no Donbas e esteja a bombardear o conjunto da Ucrânia,

uma coisa lhe ficou atravessada. Quando deu origem a esta operação — em novembro passado —, o ditador russo esperava uma divisão entre europeus, bem como, et por cause, na NATO, além da muito glosada divisão entre a União Europeia e os Estados Unidos. Nada disso aconteceu! Do Báltico ao Atlântico, embora em tons diferentes, a música foi a mesma: condenação total dos atos da Rússia e da estratégia de Putin; apoio sem reservas à soberania da Ucrânia. Países fora destas organizações reforçaram as posições ocidentais, como foi o caso do Japão e da Austrália. Mesmo a China, que pouco antes parecera 'namorar' com Moscovo, não achou piada, e na sua linguagem própria condenou o sucedido, até pela velha máxima segundo a qual "quem tem telhados de vidro não atira pedras aos outros". Apoiou à Rússia só mesmo dos fantoches da Bielorrússia e do Azerbaijão, além, claro, do Partido Comunista Português, onde — como há séculos se dizia da Baviera, na Alemanha, e há cento e poucos anos Mark Twain de Cincinnati — tudo chega com 20 anos de atraso. Esta piada — aviso quem não sabe — foi usada em relação a várias localizações, desde Dresden a Meckleburg, passando pelo Países Baixos e pela Irlanda. Além de Twain, também Heinrich Heine, Otto von Bismarck e George Bernard Shaw a utilizaram.



ALEMANHA

O caso mais óbvio para Putin ter uma compensação qualquer seria a Alemanha (com o novo Governo liderado pelo SPD) ter reticências a quaisquer sanções por causa do

Nord Stream, um sistema de fornecimento de gás natural acordado entre Moscovo e Berlim cuja empresa tem como presidente o ex-chanceler do SPD Gerhard Schröder. Felizmente, Olaf Scholz, o atual chanceler, não quis saber dos interesses do seu antecessor e 'congelou' a iniciativa mal os russos puseram as botas na Ucrânia. Esperemos que a união continue!



SANÇÕES E DALILAS

Ainda assim, as sanções são fracas. De tal modo que, como diria Mark Twain (que leva sempre

com as citações jocosas, mesmo que as não tenha proferido), parecem Dalilas. Seria fundamental, como muitos já disseram (até eu escrevi isso no Expresso online), que os plutocratas russos, amigos e apoiantes de Putin ficassem sem nada. Mesmo sem a nacionalidade que, de um modo ou de outro, conseguiram na União Europeia. Como o caso de Roman Abramovich, nosso recente compatriota, a quem, privadamente, se devia fazer uma proposta que ele não pudesse recusar. Como dizia Marlon Brando em "O Padrinho".

OS DIAS QUE ME OCORREM

PELA NOITE

Na noite de quarta para quinta-feira, à mesma hora que o Conselho de Segurança da ONU reunia acerca do reconhecimento pela Rússia das províncias separatistas do Donbas, Putin mandou bombardear a Ucrânia de norte a sul. O que se esperava, pelo menos aqueles que não tinham ilusões, aconteceu.

RAZÕES HISTÓRICAS

Numa guerra, a primeira vítima é a verdade. E Putin é tão mentiroso que conseguiu inventar uma História totalmente nova para explicar os seus anseios imperialistas. E pergunto-me por que motivo, o facto de haver

continuidade territorial (como, aliás, da China no Tibete) nos impede de considerar essas ocupações também colonialistas. Não há paciência para os que entendem que o Governo russo é um poço de virtudes e os ucranianos um bando de nazis. Ouvi um general português na SIC quase defender isto. Felizmente está reformado.

PORTUGAL

Pela voz do Presidente, do primeiro-ministro, do MNE e do ministro da Defesa, Portugal tem tomado posições condizentes com o que se espera de um país que foi fundador da NATO. Curiosamente, esta terrível situação tem como

efeito colateral algo que é positivo: entender que a propalada autonomia estratégica da Europa é uma miragem. Sem a NATO e sem os EUA, como poderíamos falar assim? E como poderia Ursula von der Leyen fazer a magnífica intervenção que fez em defesa da Europa e da democracia? Alguém duvida que com os EUA retirados de quaisquer problemas na Europa estaríamos à mercê dos russos?

SANTOS SILVA

Apesar de um passado em que 'malhar na direita' foi um mote muito glosado, o atual ministro dos Negócios Estrangeiros foi um dos

melhores ministros de António Costa, mostrando firmeza quando era necessário e diplomacia quando essa era a melhor via. É por isso com bastante satisfação que se ouve o nome do atual MNE para presidente da Assembleia da República. Seria uma excelente escolha.

CDS; PSD E TAL...

Perante o que se passa no Leste da Europa, as questões da liderança do PSD e do CDS, assim como os nomes supostos para compor o Conselho de Ministros do novo Governo do PS, liderado, uma vez mais, por António Costa, ganham o interesse de um jogo de críquete visto por

peçoas como eu, que nem as regras sabem.

FUTEBOL

O futebol tem sempre interesse e creio, até, que ontem havia mais gente a discutir a Champions e a Liga Europa do que a guerra na Ucrânia. Mas gostava de destacar duas coisas: a atitude do jogador do Benfica, Roman Yaremchuk, nascido em Lviv, na Ucrânia, que defendeu o seu país após marcar um golo ao Ajax, e a hipótese de a UEFA não realizar a final da Champions em São Petersburgo, cidade que apesar de muito longe da zona do conflito é russa e não merece a distinção.